

## **Dossiê: “Educar a sensibilidade por meio da arte é possível?”**

Hoje, dificilmente, encontraríamos professores, educadores ou políticos que não concordem que a arte deve ter o seu lugar devidamente reconhecido na escola. Assim, a presença da arte na escola e, mais amplamente, a legitimidade educacional das práticas artísticas e culturais parecem ser objeto de consenso.

Muitas das reformas e inovações introduzidas na educação escolar, do Ensino Fundamental ao Médio, e até na universidade, mesmo quando não tocam diretamente no campo das artes e práticas culturais, referem-se a práticas e valores relativos a uma modalidade estética da relação com o mundo.

A expectativa educacional da arte e das atividades artísticas vai além do campo puramente educacional. O recurso às práticas artísticas e culturais, como esperança educativa e formativa, não diz respeito apenas aos campos habituais da escola e da formação. Esse novo direcionamento está se espalhando por muitos setores da sociedade: de hospitais a prisões, de empresas a locais de prostituição nos subúrbios, a arte é regularmente chamada e atrelada à tarefa de educação e reparação.

Afirma-se que o consumidor contemporâneo generalizou a atitude estética para todos os produtos comerciais. A crescente importância da componente estética estaria, portanto, no cerne da nova configuração cultural do consumismo (BAUDRILLARD, 1995). Todos os bens e serviços são afetados por um processo de estetização; uma sociabilidade baseada no compartilhamento de gostos e emoções está se desenvolvendo; a cultura artística não é mais um mundo à parte, a oposição entre cultura erudita e cultura popular tende a desaparecer (GEERTZ, 1989; BURKE, 1989).

Outros traços estão ligados entre si segundo esta lógica central da estetização (no sentido da afirmação de valores e comportamentos estéticos) (LIPOVETSKY e SERROY, 2015). Assim, estamos perante a afirmação dos indivíduos e até mesmo do triunfo do individualismo, num mundo onde o indivíduo, contraditoriamente, se torna, ele mesmo, múltiplo e fragmentado. Apanhado no entrelaçamento planetário das redes de informação e comunicação, no apagamento da temporalidade e historicidade (BRAUDEL, 2011; CERTEAU, 2005; LE GOFF, 2003; ELIAS, 1998; CHESNEAUX, 1995) em favor do imediatismo, na preeminência do presente sobre o passado histórico, o indivíduo, finalmente, procura legitimação no campo da cultura, na era da simultaneidade e da convivência.

Face ao exposto e adentrando no campo educacional, importa analisar como se tem estabelecido o diálogo com a arte e, mais amplamente, o modo como a extensão da dimensão estética, pode ser interpretado como o efeito de uma estetização generalizada da cultura.

Se observarmos o universo escolar como um mundo fechado em si mesmo, tornamo-nos surdos e cegos aos fluxos que atravessam e operam na escola, dado que, em última

análise, tais fluxos penetram todo o campo social e cultural. Como administrar a escola, por exemplo, com o reinado da informação e da comunicação? O que fazem com esse reinado os professores encarregados do conhecimento a partir da razão, que enfrentam esse outro paradigma dominante, não só para além das portas da escola, mas dentro de si, na mente e na cultura? Como os professores lidam com essa pluralidade de mundos que atravessam a escola na medida em que eles atravessam os alunos e os próprios professores? Concordemos que haveria grande interesse em estudar as manifestações e os impactos na experiência escolar e, mais amplamente, a tarefa de educar-se sobre essa sociabilidade estética em que vêm à tona os parâmetros até então considerados como secundários: emoção, aparência, efêmero, sensibilidade.

Mas seria possível ou desejável realizar uma tarefa de educar o sensível ou para o sensível?

Ao buscar fazer eco a essas problematizações, o dossiê *Educar a sensibilidade por meio da arte é possível?* propôs uma cartografia de sensibilidades emergentes que apontassem para os novos encontros e abordagens entre os campos da arte e da educação. Questionamos se tais produções sensíveis podem ser percebidas como possibilidades educacionais em seu sentido amplo de práticas culturais, isto é, como formas de educação das sensibilidades, ou como uma significação de vertentes estéticas em processos educacionais de formação docente e discente, além de outras possibilidades que talvez já não se pudesse ou não se quisesse exatamente nomear.

É necessário enfatizar não só a análise da arte como campo específico que envolve áreas profissionais distintas, a exemplo da literatura, artes visuais, música, artes cênicas (dança e teatro), o cinema e as mídias interativas, mas também as concepções estéticas propostas para a educação geral, em diferentes tempos e lugares, por agentes plurais.

Foram esperadas e valorosamente recebidas proposições de pesquisas e experiências criadas por professores de diferentes disciplinas, tanto na Educação Básica como no Ensino Superior, por artistas e por pesquisadores de arte, educação, história, estudos culturais, mídia, memória, entre outros. E o objetivo de ampliar os diálogos entre os campos da educação e das artes, considerando as possibilidades de abordagem estética do sensível, os quais essa edição da Revista Educação em Foco buscou estimular e dar visibilidade, foi em grande medida alcançado.

\*\*\*

Em decorrência das reflexões apresentadas, este dossiê coloca em pauta alguns artigos sobre pesquisas no campo da arte, cujo objetivo geral é compreender as práticas e os processos educativos, possibilitando uma reflexão sobre o ensino de arte que deve ser visto não como uma atividade episódica, mas sim direcionada a um ensino integrado e planejado.

Os artigos aqui reunidos se reportam a vários eixos articuladores como a arte propriamente dita, a literatura, a poesia, o cinema e a fotografia e objetivam determinar

estratégias de produção, de difusão de saberes pedagógicos e de modelização das práticas escolares.

O primeiro artigo *O tempo em várias vozes* de Francione Oliveira Carvalho e Claudio Melo pretende refletir sobre a multiplicidade dos tempos vivenciados e sentidos na escola e identificados a partir das vozes de diversos professores de arte que atuam na Educação Básica. As falas e os pensamentos dos professores permitiram destacar percepções possíveis para a experiência do tempo na escola. Os tempos foram pensados e organizados a partir do movimento reflexivo de um professor que conhece com profundidade o território da escola.

Por sua vez, o artigo *Ensino de arte com base na abordagem triangular: a fotografia em foco* de Ana Cristina de Moraes, Mírian Soares Rocha e José Maximiano Arruda Ximenes de Lima reflete sobre experimentações no ensino de arte por meio da fotografia em duas vivências – no Ensino Médio e no Ensino Superior. Procura analisar a importância e as potencialidades do ensino de arte utilizando para esse fim a fotografia inserida na disciplina de arte-educação (no Ensino Superior) e em arte (no Ensino Médio). O(a)s autore(a)s analisam o modo como a fotografia pode se constituir como uma intercessora nas ações pedagógicas, despertando e incentivando as pessoas para o debate sobre temas de relevância.

O artigo *A matemática e o cinema: articulações e possibilidades no campo das práticas pedagógicas* de Juliano Bona, Camila Thaisa Alves Bona e Fabio Zoboli propõe uma aproximação entre a matemática e a arte do cinema enquanto prática pedagógica. O (a)s autore(a)s partem do pressuposto de que assistir a filmes pode ser uma proposta de atividade construída para que outras matemáticas, além da hegemônica, possam ser pensadas na experiência escolar. Conclui-se que a arte do cinema, diante do rígido formalismo pedagógico que se faz presente em inúmeras aulas de matemática, em todos os níveis, provoca cisões nos muros engessados que provocam o isolamento da matemática dominante do mundo real.

O artigo *A literatura como potência para movimentar redes de pensamentos e de sentimentos na educação infantil* de Hociene Nobre Pereira Werneck e Sandra Kretli da Silva apresenta fragmentos de pesquisa cartográfica sobre a potência de ação coletiva e as invenções curriculares criadas por professores e crianças de um Centro Municipal de Educação Infantil em composição com os signos da arte. Utiliza redes de conversações, sendo elemento impulsionador da literatura infantil como signo artístico. No artigo as autoras defendem a experimentação e a problematização como alternativas a invenção de outros possíveis para os currículos, além de possibilitar a constituição de um comum plural de modo que a escola se torne uma comunidade onde se cultive a diversidade.

Respondendo diretamente a proposta deste Dossiê temos o texto *A arte no contexto educativo: reflexões sobre o desenvolvimento dos sentimentos estéticos*, de Vinícius Stein e Marta Chaves que mobilizados pela questão "Educar a sensibilidade por meio da arte é

possível?”, realiza uma compreensão do desenvolvimento da educação estética na perspectiva da Teoria Histórico-Cultural pautados na obra de Vigotski.

João Francisco Lopes de Lima discute no artigo *O pedagogo docente e o ensino de arte na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental* a questão do trabalho realizado por professores graduados em Pedagogia. Destaca-se que sem formação específica para atuar nesse componente curricular. O texto reforça a importância da formação continuada para os pedagogos que atuam no ensino de arte e conclui que esse trabalho possui potência pedagógica em favor do desenvolvimento da componente estética e da potencialidade crítica dos estudantes. Coloca em evidência a necessidade de ultrapassar o ensino de arte como atividade esporádica, reforçando um ensino integrado e planejado.

O artigo *Pedagogia mítica: Cida Pedrosa e as articulações sensíveis entre educação, imaginário e cultura* de Clécia Juliana Gomes Pereira Amaral e Mário de Faria Carvalho articula os significados sensíveis sobre a pedagogia mítica presentes na literatura da poeta Cida Pedrosa. A partir das articulações entre educação e imaginário, em diálogo com a cultura e a literatura, são relacionadas algumas dimensões do fenômeno do educar com base na teoria do Imaginário de Gilbert Durand. A pesquisa coloca em destaque a potencialidade do pensamento literário da autora eleita enquanto estratégia sensível para questionar e ampliar os paradigmas educacionais. As reflexões pensam a educação tomando como ponto partida a substância poética da vivência, articulada às pulsões mais íntimas, à sensibilidade e à mítica.

Em *Filmes sob o sensível de socioeducandos: ensaio sobre a recusa e a negociação* Júlio Vitorino Figueroa e Luciana de Oliveira analisam adolescentes que foram inserido no sistema socioeducativo. A pesquisa promove reflexões relativas à “recusa” e à “negociação”, categorias elaboradas pelo (a)s autore(a)s após assistirem a cinco filmes indicados pelos adolescentes. O trabalho aponta para a necessidade de reflexão e de ação educativa e cultural permanentes nas medidas de prestação de serviço à comunidade e de liberdade assistida. Em consonância com o que declara o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE), esses avanços devem ser vistos como ferramentas que ajudem a melhorar a composição da sua diretriz pedagógica.

O artigo *Experiências políticas sensíveis com as juventudes no contexto da escola pública – um debate sobre a Reforma do Ensino Médio no Rio de Janeiro* de Beatriz Akemi Takeiti, Monica Villaça Gonçalves, Joana da Costa Macedo e Roberson Gonçalves Maturano analisa uma intervenção aberta no pátio de uma escola estadual pública no Rio de Janeiro em 2017, que abordou a temática da reforma do Ensino Médio, por meio de uma oficina de arte-cultura, entendendo-a como uma “experiência política sensível”. Abordar este tema a partir de uma perspectiva ético-estético-política foi um caminho de abertura para problematizar os dilemas de jovens pobres, colocando em evidência as manifestações autoritárias de uma política de Educação que perpetua as desigualdades sociais.

Rosiane de Jesus Dourado e Adriana Hoffmann Fernandes apresentam seu artigo *Práticas estéticas e práticas pedagógicas no campo da arte* no qual propõem analisar as contribuições da arte para o desenvolvimento do sensível na formação dos estudantes. O texto parte de Dewey, Barbosa, Pérez Gómez e do conceito de partilha do sensível, de Rancière, e procura refletir sobre problema da pouca importância atribuída ao sensível na educação, apontando posturas e práticas pedagógicas para a valorização da cultura, da imaginação e das subjetividades. Estuda também a questão da visualidade através do diálogo entre as artes Visuais e a Cultura Visual. Propõe, então, perceber os estudantes como espectadores emancipados e o campo da arte como constructo prático do modo de ver e pensar com o sensível.

O artigo *A creche entre a poesia e a ludicidade: diálogos com Manoel de Barros* de Rosalina Rocha Araújo Moraes e Ana Maria Monte Coelho Frota aborda os temas poesia e ludicidade na creche, cuja relevância está articulada à premente necessidade de proporcionar às crianças contextos preenchidos de experiências sensíveis e lúdicas, brincadeiras, interações, protagonismo. Constata o interesse dos pequenos pela poesia e, nesse caso, especificamente pela poesia de Manoel de Barros, cujo pensamento se identifica com o das crianças. As autoras concluem que a poesia é portadora de um potencial educativo que respeita os interesses das crianças, possibilitando-lhes protagonizar processos de aprendizagem, bem como ampliar seu repertório experiencial e cultural.

Cristina Carvalho e Monique Gewerc, no artigo *O papel da arte na formação de professores* trazem um recorte de um estudo de caso realizado sobre o Curso Normal Superior do Instituto Superior de Educação Pró-Saber, situado no município do Rio de Janeiro. O Curso possui como única habilitação a formação de professores de Educação Infantil, e uma das categorias de análise emergiu da observada preocupação com a formação estética e cultural dos alunos sob diferentes abordagens. Os resultados evidenciam o quanto uma formação que inclui a nutrição estética e a ampliação do repertório cultural do professor de maneira reflexiva em experiências compartilhadas contribui para o desenvolvimento de um olhar sensível e empático que humaniza o professor e sua relação com as crianças.

Francisco Rogiellyson da Silva Andrade, Janyele Gadelha de Lima e Dannytza Serra Gomes apresentam seu texto *A Literatura como arte construtora da sensibilidade: propostas de atividades baseadas na leitura de “Tragédia no Lar”, de Castro Alves* onde abordam propostas pedagógicas que consideram uma Pedagogia da Sensibilidade para a leitura de textos literários. Nessa perspectiva, analisam o poema “Tragédia no lar”, do poeta abolicionista Castro Alves e, a partir dele, constroem propostas numa perspectiva transdisciplinar. As(os) autoras(os) acreditam que é possível, por meio da leitura literária, desenvolver um olhar mais humanizado acerca de um momento de nossa história marcado por desigualdades e injustiças que reverberam até os dias de hoje.

No artigo *A construção de uma sensibilidade para o trabalho a partir de canções da obra de Tião Carreiro e Pardinho* Lucas Fíngolo Claras e Evelyn de Almeida Orlando localizam-se no campo da História da Educação e da História Cultural, para analisarem como as canções, presentes na obra de Tião Carreiro e Pardinho, propõem uma valorização de diferentes formas de trabalho e, potencialmente, educam as sensibilidades do público da música sertaneja. Entendem que as canções apontam para dignificação do homem pelo labor, e com base na sensibilidade religiosa, idealizam condutas e estimulam e orientam práticas e comportamentos.

Por fim, o artigo *Compartilhamento do conhecimento no ensino de moda: uma análise sobre a experiência arte e moda na modalidade EaD* de Dênis Martins de Oliveira, Gabriel Coutinho Calvi, Ely Mitie Massuda e Letícia Fleig Dal Forno analisa a importância do uso da imagem na disciplina de história da arte e do design para a formação acadêmica em design de moda. O estudo apresenta uma experiência realizada com os estudantes do curso de design de moda de uma instituição localizada no norte do Paraná, que oferta o curso na modalidade à distância. Como resultado da pesquisa, compreende-se que o uso da imagem de referências artísticas para se entender a indumentária e a Moda são ferramentas necessárias e eficientes no processo de ensino e aprendizagem para a formação em design de moda.

\*\*\*

Apresentados os textos retomemos a questão-título deste dossiê: Educar a sensibilidade por meio da arte é possível?

Ainda que não haja uma resposta estanque ou simples, pois há sempre algo que escapa - e o escapar tem sua potência - pode-se responder que não, não é possível educar pela arte! Não é possível enquanto a educação for cerceamento, disciplina e uma hecatombe das possibilidades de vida.

Não haveria, então, possibilidade de uma relação entre arte e educação? Se optarmos por uma proposta corriqueiramente mortificante de educação, “melhor não...” (MELVILLE, 2005).

Como pensá-la então? Aqui talvez teríamos que fazer uma inversão *intercessora* (DELEUZE, 1992) e nos entrincheirarmos com a visão para outras perspectivas: quais as formas de educação que a relação com as práticas e saberes da arte nos forcem a pensar? Quais novos regimes de signos, campos discursivos e relações de força (ou poder) essa visada é capaz de constituir?

Em nosso dossiê temos algumas dessas experimentações. Umas mais intensas e radicais e que nos fazem sair a correr e abandonar toda a “velha porcaria” (MARX E ENGELS, 1984, p.47) tal qual numa revolução, outras de modo mais sutil e outras que colocam a arte ao serviço das práticas educativas se aproximando de uma *pedagogização* das práticas artísticas.

Concebemos como *pedagogização* a disseminação de enunciados oriundos de determinados campos do conhecimento (arte, filosofia, ciência etc.) para outros domínios da vida humana, com o intuito de melhorar o homem ou educá-lo, de acordo com os imperativos da agenda social, econômica e política da época.

Temos assim, em nosso dossiê toda a sorte de perspectivas, como a possibilidade de pensar uma educação que não fosse uma pedagogização das outras áreas da vida e dos seus saberes, mas uma educação como produção de uma obra de arte (FOUCAULT, 1995), ou um *amor fati* (NIETZSCHE, 1995) ou um jogo de signos (PROUST, 1988), ou o oposto de uma Banalidade ou uma Platitude (MARX, 1996) (FOUCAULT, 2008). E ao final podemos insistir nas seguintes questões: Que educação deveria ser sonhada para ser capaz de educar um campo sensível? A arte nos faria pensar uma outra educação? Ela nos lançaria outras vozes ou outros mundos para que o experimentar a nós mesmos e o *exterior* (FOUCAULT, 2013) (BLANCHOT, 2010) em outros registros seja possível?

Nesse sentido, interessou-nos muito algumas das radicalidades lançadas por vários autores do nosso dossiê bem como os contrapontos a esta posição, o que nos mostra ser muito viva e profícua a discussão e com vistas à continuidade.

Enfim, desejamos que o encontro da (o) leitora (o) com estes artigos passe agora pela experiência de cada um com os signos da arte instaurando estes como mananciais de profícuos processos de subjetivação e singularização sem, contudo, esbarrar na violência do individualismo e das estratégias da racionalidade instrumental.

Esperamos que vocês apreciem a leitura!

## Referências

- BAUMAN, Zygmunt. (1997). *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BAUDRILLARD, Jean. *Sociedade de Consumo*. Lisboa: Edições 70, 1995.
- BLANCHOT, Maurice. *A conversa infinita: a palavra plural, palavra de escrita*. VOL.I. Trad. Aurélio Guerra Neto. São Paulo: Escuta, 2010.
- BRAUDEL, Fernand. História e Ciências Sociais: a longa duração. In: \_\_\_\_\_. *Escritos sobre a História*. Tradução de J. Guinsburg e Tereza Cristina Silveira da Mota. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2011 (41-78).
- BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras. 1989.
- CHESNEAUX, Jean. As armadilhas do quadripartismo histórico. In: \_\_\_\_\_. *Devemos fazer tábua rasa do passado? Sobre a história e os historiadores*. Tradução de Marcos Silva. São Paulo: Ática, 1995 (92-99).
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 11ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- DELEUZE, Gilles. Os Intercessores. In: \_\_\_\_\_. *Conversações*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992.
- DUMONT, Louis. *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

ELIAS, Norbert. *Sobre o Tempo*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FOUCAULT, Michel. *Ditos & escritos: Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. VOL.III. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2001.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução de Irene Ferreira et al. 5ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

LIPOVETSKY, Gilles e SERROY, Jean. *A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2015.

MARX, Karl. *O Capital*. Vol. 1. 1ª edição, São Paulo, Nova Cultural, 1996.

MARX, Karl.; ENGELS, Friederich. *A ideologia alemã e teses sobre Feuerbach*. Trad. Sílvio Donizete Chagas. São Paulo: Editora Moraes, 1984.

MELVILLE, Herman. *Bartleby, o escrivão: uma história de Wall Street*. São Paulo: Cosac Naify, 2005. p. 39-46.

NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo*. Trad: Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

RANCIÈRE, Jacques. *O ódio à democracia*. Trad. de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2014.

Fernando Luiz Zanetti  
José de Sousa Miguel Lopes  
Dezembro/2020.